

Marco A. I. de Oliveira^a

Tatiana S. Fiuza^{b*}

^aUniversidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Educação Física e Dança.

^bUniversidade Federal de Goiás (UFG), Instituto de Ciências Biológicas, Departamento de Morfologia/ICB III.

*Autor para correspondência: Departamento de Morfologia, Instituto de Ciências Biológicas III – Universidade Federal de Goiás, Campus II, Goiânia, Goiás, Brasil. 74.605-220. E-mail: tatianaanatomia@gmail.com Telefone: +55(62)99882324



II CONGRESSO DE CIÊNCIAS
FARMACÊUTICAS DO BRASIL
CENTRAL

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO
Endereço: BR-153 – Quadra Área
75.132-903 – Anápolis –
revista.prp@ueg.br

Coordenação:
GERÊNCIA DE PESQUISA
Coordenação de Projetos e Publicações

Publicação: 30 de Junho de 2015.

Introdução e objetivos: A hanseníase é uma doença infectocontagiosa causada pelo *Mycobacterium leprae*. Nos nervos periféricos, o bacilo se aloja e provoca lesões que causam perda de sensibilidade térmica, dolorosa e tátil, podendo evoluir para incapacidades físicas permanentes³. O isolamento compulsório em Hospitais-Colônia foi a principal medida de controle da doença no passado¹. O trabalho objetivou contextualizar a história social da hanseníase pelo viés de ex-pacientes que viveram na Colônia Santa Marta, correlacionando o isolamento social e questionar a responsabilidade do Estado perante aos ex-internos. **Metodologia:** Questionários com perguntas semiestruturadas, fotografias e diário de campo com observação participante. **Resultados e discussões:** A Colônia foi reestruturada em Hospital de Dermatologia Sanitária e as moradias em que alojam ex-pacientes da Colônia são organizadas na Vila Santa Marta. Dos ex-pacientes entrevistados, 80% apresentaram sequelas incapacitantes e 100% alegaram ter no preconceito sua principal dificuldade em viver a Hanseníase. Observou-se que o isolamento compulsório contribuiu para a consolidação do estigma da doença, que impediu a reinserção destes na sociedade mesmo após a cura da doença². Verificou-se que as pessoas com sequelas incapacitantes têm necessidades especiais e encontram em estado de abandono, tanto pelo Estado como pela Santa Marta, sem assistência médico-hospitalar. Infelizmente as ações do Ministério da Saúde são apenas vinculadas a prevenção e tratamento da hanseníase e não contemplam os hospitais-colônia e as pessoas que viveram confinadas por décadas⁴. **Conclusões:** O isolamento foi uma medida de Estado e este deveria se responsabilizar pelo cuidado dos ex-internos, assim como estabelecer Políticas Públicas de enfretamento do preconceito. O trabalho é um compromisso com a dignidade das pessoas que são hoje idosas e se encontram em estado de abandono pelo poder público.

Palavras-Chave: Hanseníase; Estigma da hanseníase; Hospitais-Colônia; Colônia Santa Marta.

¹EIDT, L. M. Ser hanseniano: sentimentos e vivências. *Hansenologia Internationalis*, v.29, n.1, p.21-27, 2004.

²MARTINS, P. V., CAPONI, S. Hanseníase e preconceito: histórias de vida de mulheres em Santa Catarina. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.15 (supl. 1), p.1047-1054, 2010.

³PEREIRA, H. L. A., RIBEIRO, S. Ç. E., CICONELLI, R. M., FERNANDES, A. R. C. Avaliação por imagem do comprometimento osteoarticular e de nervos periféricos na hanseníase. *Revista brasileira de reumatologia*, v. 46, supl.1, p.30-35, 2006.

⁴SANTOS, L. A. C.; FARIA, L.; MENEZES, R. F. Contrapontos da hanseníase no Brasil: cenários de estigma e confinamento. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.25, n.1, p.167-190, 2008.